

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que se propõe a resgatar uma história da vida privada: a dos hábitos de higiene no Brasil dos séculos XVIII ao XX.

Esta pesquisa forneceu os dados para a exposição temporária **BANHEIRO: HISTÓRIA E ARTE**, ocorrida em 1987, nos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro.

O tema, com estudos e mostras já sistematizados em países europeus, em especial na Inglaterra, na França e na Alemanha, foi então tratado pela primeira vez no país, quebrando um tabu ao abordar os cuidados com o corpo ao longo do tempo, tendo em vista o prazer, o bem-estar e a saúde.

Igualmente, a investigação informou também o texto institucional (CARVALHO, Lúcia Olinto de. *Banheiro: História e Arte* in Museu Pessoal. Rio de Janeiro. MinC F.N.P.M./Museus Castro Maya, 1987), publicado como catálogo daquela exposição temporária.

A enorme receptividade do público à época e posterior à exposição, fornecendo novas informações e fotos; indicando objetos e locais remanescentes; o lançamento de novas fontes bibliográficas, e a permanente demanda de profissionais de áreas diversas querendo aprofundar o conhecimento sobre o assunto, foram o estímulo que nos levou a dar seqüência à pesquisa, que ainda prossegue em tópicos específicos.

Como museólogo e profundo conhecedor do objeto museal enquanto fonte de documentação primária, partiu do Chefe do Departamento de História da UFES - Sebastião Pimentel Franco - o convite para colaborar neste espaço universitário, com uma pesquisa que, afinal, reflete também uma parte da história do Espírito Santo.

No Brasil, a história dos Hábitos de Higiene, ou mais propriamente do Banheiro, ainda não foi sistematicamente escrita. Para sua elaboração esbarramos na falta de publicações específicas brasileiras e igualmente na grande dispersão dos seus objetos componentes. Estes objetos se encontram de norte a sul do País pouco cadastrados, incógnitos, muito desprezados, propositalmente ignorados ou simplesmente desconhecidos de sua real função.

A simples menção à palavra banheiro constitui para a maioria em assunto engraçado, provocado pelos próprios conceitos estratificados pela sociedade, que exclui o local, considerado de certa forma em tabu, e pouco nobre, relegado o mais das vezes a segundo plano na moradia, fatos que sobremaneira dificultam a abordagem do tema, mesmo junto a pessoas mais esclarecidas, que se esquivam ou ficam "pouco a vontade" em fornecer informações que se constituiriam importantes para a sua história.

Outro fato relevante é o de o **banheiro**, quando da reforma arquitetônica de construções antigas, quer domiciliares, religiosas ou militares, ser o mais "visado" na sua modernização, perdendo-se com isso testemunhos formidáveis da memória sobre o assunto.

Para nós, constituem-se em fontes de estudo e parâmetros de confronto, objetos remanescentes e consulta a publicações estrangeiras (inglesas e francesas, basicamente), publicações estas em mão de particulares e não em bibliotecas públicas como seria de se esperar; - notas pitorescas em publicações brasileiras (historiadores e sociólogos); Coleções de Inventários e Testamentos; Leilões; obras de cronistas e viajantes estrangeiros (Carl Seidler, George Gardner, Auguste Saint-Hilaire, John Luccock, J.B. Debret, Henry Koster, Kidder e Fletcher, Maria Graham e L. F. Tollenare) e romancistas (Aluísio de Azevedo e José de Alencar, entre outros).

Nestas fontes, compreendidos os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, são feitas referências a peças e hábitos de higiene de uso generalizado no Brasil onde detectamos objetos por tipologia, materiais e localização, que nos permitem avaliar sua evolução histórica.

Através delas, podem ser acompanhados não só a evolução dos hábitos de higiene do brasileiro ao se levantar, às refeições, no decorrer do dia, à hora de dormir e raramente no ato sexual, como também dos objetos nativos ou importados, isolados ou ambientados, utilizados na higiene rápida ou demorada e na coleta e retirada dos excrementos (fezes e urina).

Objetos e apetrechos destinados à higiene ² e à excreção ³ apresentam grande variedade de formas materiais e estilos. Tal diversidade é condicionada, entre outros fatores, pela extensão territorial e suas implicações climáticas; pelas diferenciações étnicas, e pelas contribuições dos hábitos salutareos indígenas e parcimoniosos dos imigrantes, permeados pelas estruturas sócio-econômico-culturais da sociedade escravocrata e pudica.

Objetos como: bacia, gamela, bacinica, retrete, cabaça, bacia de urinar, bacia e jarro, jarro, gomil, bacia de barbeiro, tigre, banheira, balde, pedra, cadeira sanitária, lavatório, toalha, e bem assim, **materiais** como: latão, cobre, arame, estanho, cedro, madeira, prata, louça do Reino, louça de Lisboa, porcelana de Sevres, estanho e prata, madeira e zinco, prata e barro, barro cozido, madeira e ferro, zinco, mármore, ferro, mogno e pau-cetim, algodão feito no país e cambráia, **serão** correntes neste trabalho, abordados adiante dentro de tópicos específicos, que não poderão ser analisados senão dentro do estabelecimento histórico de confronto com outros países, pois, em si, encerram uma parcela da história da humanidade.

História dos hábitos de higiene no Brasil dos séculos XVIII ao XX

Neide Gomes de Oliveira
Museóloga

O banheiro compreende duas funções básicas: a higiene corporal e a excreção.

I - HIGIENE CORPORAL

A assepsia do corpo (banho, lavagem rápida das partes íntimas, mãos, rosto, pés e boca); corte dos cabelos e unhas; o cuidado com a barba; o uso de roupas adequadas; as instalações hidráulico-sanitárias, que propiciam a retirada das águas servidas e dos dejetos formam o todo que se entende por **higiene**, ou seja, os cuidados individuais ou coletivos que mantêm a saúde do indivíduo.

Na higiene é a água o elemento primordial. Usada em seus locais naturais - nascentes, rios, mares e lagos- ou captada das formas mais simples às mais extraordinárias concepções da engenharia hidráulica, é parte integrante e indispensável do banheiro e de seus componentes básicos: bacias sanitárias, lavatórios, bidês, banheiras e complementos, que são os receptáculos do banho e da coleta e da retirada dos dejetos.

O **banho** é indispensável à saúde do corpo. Frio, quente ou tépido; de imersão, de ducha ou de vapor; de rio ou de mar; geral, local ou parcial, é medida de higiene e profilaxia, sendo usado para a limpeza do corpo; o fortalecimento de organismos debilitados; no auxílio à cura de enfermidades e dores de origens várias; como desintoxicante e como relaxante.

Dependendo da época e do povo passou por uma longa história, podendo no decorrer de milênios, de forma alternada, ser: público, coletivo e íntimo; de caráter religioso ou político; muito ou pouco apreciado; recomendado e até proibido.

Públicos e coletivos com os romanos que o elevaram ao mais alto grau de conforto e luxo nas suas termas colossais, patrocinadas pelos imperadores. Eram banhos com piscinas de água quente e fria; com salas de vapor e chuveiros, onde o indivíduo era esfregado com unguentos, óleo e areia e a seguir raspado com uma esponja de metal, até ficar limpo, terminando com a indispensável massagem com essências e âmbares. Não faziam questão, ao inverso dos gregos, de separar banhos masculinos e femininos, embora as entradas fossem diferentes e os vestuários distintos. Era mais pudico aos romanos o ato de despir-se ou vestir-se, do que mostrar a própria nudez.

Públicos e coletivos na Idade Média quando os banhos dos nobres eram acessíveis à plebe, que podia observar as damas e cavaleiros que, enquanto imersos, jogavam xadrez, comiam suculentos pratos e cantarolavam ou ouviam trovas amorosas de trovadores e menestréis. Os burgueses tomavam banho em casa, sem espectadores, em protótipos de banheiras feitas de madeira, enquanto a plebe, ansiosa por imitar os nobres, instalava nas praças públicas banhos públicos, cuja promiscuidade degenerou ao ponto de intervenção da Igreja. Sua veemente oposição provocou seu desaparecimento gradativo, chegando ao ponto de ser considerado luxúria.

O prazer do banho para o crente valia acesso às chamas do purgatório. Da publicação de 1760, Dicionário de Ciências Eclesiásticas consta: *O uso do banho é permitido contanto que não se torne volúpia.* (LUIZ EDMUNDO, 1932, p.276)

Os eclesiásticos só tomavam banho pela Páscoa e pelo Natal, obedecendo aos ensinamentos de São Benedito: *permitter-se-ha banhos aos doentes todas as vezes que se julgar necessário, mas para aqueles que estão de boa saúde, sobretudo se elles são jovens, taes banhos não lhes devem ser concedidos senão muito raramente* (LUIZ EDMUNDO, 1932, p. 276).

Públicos, porém de maneira discreta, foram ainda no século XVIII, quando a etiqueta palaciana e domiciliar facultava a participação de familiares e visitantes na intimidade. Despachava-se, conversava-se e tomava-se refeições ligeiras durante a toaleta e o banho, que por essa época mesmo com relutância voltava à Europa.

A banheira de madeira, redonda como na Idade Média, marca a reconquista do hábito de tomar banho. Introduzida na França, teve posteriormente sua forma alongada com leve encostamento para prolongar a sensação de descanso, evoluindo até nossas banheiras de hoje.

Banheiras e casas de banho foram um importante desenvolvimento nos hábitos de higiene europeus do século XVIII.

De madeira, de cobre, de zinco, de lata, de mármore são citadas e ainda hoje encontradas: **banheiras** e **meias banheiras**, em que a pessoa ficava sentada como em um sofá, mais ricas de ornamentação do que práticas; **banheiras mecânicas**, com mecanismo complicado, que dava movimento à água, dando ao banhista a ilusão de estar tomando banho de rio; **banheiras com toldos**, pequenas casas de painéis de madeira entalhada; **banheiras aquecidas a gás**, ao contrário das anteriores, que eram aquecidas por escalfador⁵.

Nesse período havia ainda poucas banheiras particulares. As pessoas de um modo geral lavavam-se ainda em pequenas bacias de lata em frente à lareira.

Note-se que ainda não havia o **apartamento banheiro**. O banho era tomado no quarto ou na sala. Somente a partir do século XIX é que evoluem as salas de banho na França, contíguas aos aposentos de dormir, com um cômodo adjacente, destinado à toalete.

Ter uma sala de banhos no começo do século XIX era um grande luxo restrito à realeza, como é o caso das salas de banho da Imperatriz Josefina e do Príncipe Eugênio. Um quarto de toalete encerrando uma banheira podia ser encontrado entre os burgueses muito ricos e as mulheres mundanas.

Banheiras e banhistas, a partir dessa época ganharam o direito de aparecer em obras de arte concebidas por artistas famosos. Telas, gravuras e esculturas, com nomes como os de Moreau, Deverin, Tassaert, Edgar Degas, Andre Derain, Bonnard e Ingres mostram a mulher na intimidade preocupada consigo mesma, no banho. Através desta iconografia detecta-se o hábito de usar um lençol, o **lençol de banho** no interior da banheira, cuidado de higiene e de elegância. Do mesmo modo, também o uso de **camisolas de banho**, indício de pudor. O hábito da **camisola de banho** estendeu-se até aproximadamente o segundo quartel deste século, predominando principalmente nas casas de banho, duchas, internatos e instituições religiosas.

A despeito das avançadas obras hidráulicas deixadas pelos romanos, ainda no século XIX, na Europa, as águas para os serviços dos habitantes eram ainda coletadas nos rios e nas fontes.

A água chegava às casas carregada penosamente de longe e, posteriormente, por meio de carregadores d'água que a levavam em potes suspensos aos ombros e mais tarde em tonéis sobre rodas.

São dessa época os **banhos a domicílio** fornecidos pelos carregadores que, após a canalização das águas, vendiam banhos quentes de porta em porta.

Além das banheiras com materiais utilizados do século XVIII: o zinco, o cobre, o mármore, a folha de flandres, no século XIX aparecem outros materiais como o cristal, o grés, a porcelana, o grés porcelanizado e o ferro esmaltado. Todas essas banheiras eram acompanhadas de seus acessórios: torneiras, válvulas, sifões, mergulhadores-de-pés, porta-esponja, porta-sabonetes, termômetro, cesto de roupa branca e tapetes de banho em cortiça, ou de gradezinha de madeira.

Recomendações gerais antigas presas a conceitos e preconceitos não podem deixar de ser citadas, a título de curiosidade:

- **Banhos Frios** - não devem ser tomados no período menstrual nem de gestação.
- **Banhos de rio** - apenas 15 minutos para as pessoas mais débeis e 40 minutos para as mais robustas, que podem tomar de 3 a 5 banhos por semana; não penetrar no rio nem andando nem imediatamente após a comida.
- **Banhos de mar** - não devem ser tomados sem consulta médica, respeitando um período de 3 horas após haver comido; recomendados nas primeiras horas da manhã.
- **Banhos tépidos** - durante a primavera e outono basta um banho por semana para adultos sadios; no inverno um por mês e no verão um a cada dois dias... (SATURNINO s/d, p. 501 a 506).

No Brasil, o hábito do banho é herança indígena. Os índios costumam banhar-se diariamente, várias vezes, exercendo o banho certa função em sua vida. Além da limpeza que proporciona, é também uma das ocasiões preferidas para a cópula.

Em casos de doença, de parto ou depois de certas cerimônias, é hábito o **banho de cuia** na maloca ou no terreiro. A pessoa fica de cócoras e joga água morna sobre o corpo. Banhos quentes com ervas medicinais são também comuns aos indígenas. Quando se manifestam as primeiras regras, em algumas tribos, corta-se o cabelo da adolescente ou raspa-se-lhe a cabeça cobrindo-a com um pano. Durante esses dias, lava-se-lhe a cabeça com água de cedro, para evitar cefalga (dor de cabeça).

Existe um **sabão** indígena preparado da entrecasca bem raspada de uma árvore de nome turátura. Junta-se a ela um pouco de água e esfrega-se com o sumo, o rosto, as mãos e o corpo.

Do ponto de vista da aculturação, o uso de roupas pelo indígena é altamente prejudicial, pois do momento em que o índio veste roupas, o asseio do corpo deixa muito a desejar. É como se o uso de roupas tornam-se dispensáveis os banhos. Ao receberem uma peça de roupa, usam-na sem perda de tempo, dia e noite, até que esta esteja em pedaços.

Entre seus outros hábitos de higiene destacam-se o depilamento de todo o corpo, inclusive cílios e sobrancelhas; o corte das unhas; o pentear-se ou alisar os cabelos após o banho, catando ao mesmo tempo os piolhos; a lavagem das mãos antes e depois das refeições, lavagem que é feita enchendo a boca com água e soltando o jorro sobre as mãos.

Viajantes e cronistas fazem referências constantes ao asseio do brasileiro que era extremamente cuidadoso com a limpeza de seu corpo. Constituiu-se, segundo eles, em grande aborrecimento estar distante de rio ou mar onde pudesse banhar-se.

Nas casas coloniais brasileiras, quer urbanas quer rurais-térreas ou de sobrado, as condições de higiene deixavam muito a desejar. Mal divididas e escuras; com alcovas úmidas e corredores sombrios; com salas quentes e abafadas, com janelas pequenas e estreitas, construídas ao arbítrio de cada um, sem prescrições de salubridade e asseio, foram o tormento dos higienistas dos séculos XVIII e XIX. Além de anti-higiênicas eram por vezes construídas em lugares insalubres.

Exceções houve, é claro, em Salvador e Pernambuco, com casas desafogadas, com boas varandas e vista do mar e da baía, ou recebendo o ar puro das matas.

Em uma sociedade escravocrata era a casa movimentada pelo negro... *A casa antiga dependia essencialmente da presença dessa mistura de coisa, bicho e de gente; havia negro para tudo... o negro era esgoto, era água corrente de quarto, quente e fria, era interruptor de luz e botão de campainha...* (COSTA, 1951).

No Rio de Janeiro, até o ano de 1840, quando o governo concede a particulares o direito de canalização das águas dos aquedutos públicos para suas casas, o abastecimento de água era feita por aguadeiros (negros de ganho), que a coletavam em fontes, chafarizes e bicas públicas, como o do Largo da Carioca; o do Boiota; o do Paço; o do Lagarto, o das Lavadeiras e o do Catumbi. Eram igualmente coletadas por escravos domiciliares nos mananciais das chácaras, nos poços cavados, nos quintais e, mais tarde, nas fontes, chafarizes, bicas e pias das propriedades (civis e religiosas); presos em instituições carcerárias (fortalezas e casernas); faziam o transporte em barris e tonéis.

Em 1836 o sistema de abastecimento de água no Rio de Janeiro contava com 18 chafarizes e 147 bicas na cidade e arrabaldes.

Somente em 1860 esse serviço declina definitivamente.

As águas trazidas assim eram mantidas em grandes vasos, bilhas, quartinhas e cisternas, para utilização no banho e demais serviços da casa.

O banho morno e quente e o banho de rio foram instituições significativas do sistema patriarcal do país. *Nos banhos mornos ou quentes em que a iaiás mais lânguidas deixavam orientalmente que mãos de mucamas não só as despissem e vestissem, descalçassem e calçassem, despenteassem e penteassem, como lhes esfregassem o corpo com essências de jasmim, o enxugassem com toalhas finas e lhes lavassem e secassem o cabelo solto e que no caráter de festas de preguiça talvez se juntassem, menos inconscientemente do que os prazeres do cafuné* (FREIRE, 1951, p. 806).

Em Minas gerais, no século XIX, já era generalizado o uso do banho quente.

O banho era tomado dentro de casa em recipientes enchidos com grandes baldes de água e colocados nas alcovas.

A **bacia**, a **tina**, a **cuia**, a **gamela**, o **jarro** e o **prato**, e o **jarro**, já são utilizados desde os séculos XVI e XVII.

A **bacia**, quando em tamanho pequeno ou médio, era utilizada na higiene rápida e na lavagem de roupas. Constata-se por seu uso o costume generalizado, em todo o Brasil, de lavar as mãos antes das refeições, hábito estendido aos convidados, e bem assim, o hábito de lavar os pés ao deitar.

Tal costume era comum em todas as casas, das mais altas às mais baixas ordens sociais, variando apenas os materiais: o barro, a madeira, a prata, a louça do Reino, a porcelana, o cobre, o ágata.

O enxugar das partes lavadas era feito com **toalha de cambraia franjada**, ou pedaço de tecido de algodão feito no país.

O uso da **bacia** pode ser resumido nas palavras de Maria Graham: *Quando fui para meu quarto a noite, entrou uma bela e jovem escrava com uma grande bacia de água morna e uma toalha franjada sobre o braço e ofereceu-se para lavar-me os pés. Pareceu desapontada quando lhe disse que nunca permitia que ninguém me fizesse isso, ou me ajudasse a despir em qualquer tempo. De manhã ela voltou, e tirando o banho dos pés, trouxe toalhas novas, uma grande bacia de prata lavrada e um jarro, cheio de água morna, que deixou sem dizer palavra.* (GRAHAM, 1823, p. 314).

Nas casas de gente de cor era o próprio dono da casa que vinha lavar os pés do viajante, acolhido com a mais amável hospitalidade.

A bacia, quando em tamanho maior, era utilizada para banhos de crianças e adultos. Igualmente variava em materiais: prata, arame⁸, porcelana, ferro esmaltado, cobre e, posteriormente, alumínio. Exemplos foram encontrados nos Museu Histórico Nacional - RJ; Museu do Diamante - MG; Norma Alvarange Lamego, Sabará - MG e, citados pela comunidade de Sabará - MG.

O banho de corpo inteiro nela tomado obedecia a todo um ritual. Primeiro, lavava-se o rosto e a cabeça, depois assentava-se e lavava-se o tronco e, finalmente, de pé, as pernas e os pés.

O banho das partes íntimas, tomado até hoje, tem o nome de **banho de assento** ou **banho de asseio**. Da mesma maneira, o banho de pés, com finalidade medicinal, para evitar dores de cabeça, tem o nome de **escalda-pés** ou **pedilúvio**.

Era costume, no banho das crianças, usar-se arruda para perfumar a água

e três pedrinhas de sal para "tirar o mau-olhado" ou "tirar o quebranto".

Igualmente, era costume em cidades do interior, no caso detectado em Minas Gerais, o uso da bacia esmaltada de branco (ágata), para os recém-nascidos.

Tinas com aros de ferro e **cuias** ou **cabaça** (de côco ou de coité) são igualmente utilizadas para banhos gerais ou localizados desde essa época, em especial em regiões do interior do Brasil. A **tina** foi também usada nos banhos em navios durante os séculos XVIII e XIX, como comprova na aquarela de Debret, do acervo dos Museus Castro Maya, representando o banho no Calpe, navio americano que trouxe a Missão Artística Francesa ao Brasil, em 1816.

A **gamela** ou "banheira de madeira" feita de uma só peça de madeira (gameleira, vinhático ou copabuçu), de cinco a oito pés de comprimento (1.20 m a 1.50 m), muito pesada, em geral pintada a óleo internamente (DEBRET, 1940, p. 131), era utilizada para tomar banhos.

No diário do Rio de Janeiro, de 22 de março de 1825, consta um anúncio... de uma gamela de tomar banhos deitados... (col. Maria Luíza Querine, Belo Horizonte, MG).

Além da forma alongada, havia-as também em forma arredondada, como é o caso das duas peças pertencentes ao acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto - MG.

Às bacias pequenas de madeira dava-se também o nome de gamela.

Ao que tudo indica, a **gamela** é herança do índio, que fazia seus recipientes de madeira tirada dos troncos das árvores. O colono europeu adotou esses utensílios, que se perpetuam há mais de 3 séculos.

Anúncios em jornais de época mostram a substituição das **gamelas** por **banheiras** de materiais mais nobres e mais higiênicos do que a madeira... *Havia bacia de cobre... de tomar banhos...* (Diário do Rio de Janeiro, de 2 de março de 1825).

Juntamente com a gamela, Debret assinala o uso de **banheiras de zinco** fixadas em uma tábua com rodinhas, nas casas mais ricas.

Banheiras de zinco, herança européia, podem ainda ser encontradas e foram de uso durante o século XIX. Os exemplares por nós detectados, encontram-se em Museus cujos acervos são remanescentes da imigração alemã, - Museu de colonos, em Joinville (SC) e em Santa Leopoldina (ES). De formas bizarras, alongadas e abauladas como canoas, abrem-se, com encostamento em cobertura razoável sobre a cabeça. Apresentam o detalhe de serem móveis, "de balanço", com montagem em madeira.

Banheiras de pedra, escavadas num bloco único de granito, em forma oblonga, trabalho de escravos. Um exemplar foi encontrado no Museu do Ipiranga, em São Paulo (SP).

Banheiras de mármore são também do século XIX. Em uso após a canalização das águas, pertenciam naturalmente a pessoas de mais posses - como em sobrados nobres, palacetes e fazendas. Importadas, fabricadas num único bloco, têm escoamento para água e fundo chato.

Existem pelo país, integradas à arquitetura; em Museus, como as existentes, formando uma, o banheiro do Museu Casa de Benjamim Constante - RJ e outra, avulsa nos Museus Castro Maya - RJ ou, transformadas, o que é mais corrente, em grandes jardineiras, ornando jardins de época.

Banheiras de ferro fundido e esmaltado, fabricadas primeiramente na França, no final do século XIX, foram de uso corrente durante os primeiros decênios do século XX.

De imersão e de sentar ou meio-corpo (semicúpio), eram fabricadas mecanicamente, segundo reprodução de moldes, em metal, com posterior esmaltação resistente a todos os ácidos medicinais. As de imersão eram feitas em dois tipos: para embutir e sem embutir, ou seja, com a parede externa chamada saia ou aba com acabamento esmaltado, tornando desnecessário o revestimento.

No Brasil, três firmas destacavam-se na sua fabricação: a Fundação Brasil S.A e a Comércio e Indústria Souza Noschese, em São Paulo, e a Douat, em Santa Catarina. Desenvolvendo suas tecnologias, fabricavam seus modelos - Olímpia, Clássica, República, Imperial, Ban-Gaveta, Póliban e Super-Confort, em branco ou em cores; em linhas de luxo ou comuns e introduzindo inovações como maior aproveitamento de espaço (abas móveis) e maior segurança (fundo moldado em forma de assento ou chato, para evitar escorregões). Fabricavam para adultos e crianças.

Estas banheiras de ferro esmaltado são ainda muito encontráveis integradas à arquitetura; complementando banheiros, como o de Rui Barbosa na Fundação Museu que leva seu nome, no Rio de Janeiro; remanescentes em meios de transporte, como a do vagão especial que servia ao Presidente Getúlio Vargas, no Museu do Trem - RJ; em ferros velhos; firmas de demolições, jogadas em fundos de quintais ou como suas antecessoras de mármore, transformadas em grandes jardineiras.

De modelos mais especiais detectamos uma banheira infantil que pertence à Sra. Norma Alvarenga Lamego, em Sabará - MG e uma de meio corpo, pertencente a Sra. Adua Nesi, no Rio de Janeiro.

Mais raras entre nós foram as banheiras de grés ou grés porcelanizado - a louça pesada - provenientes em princípio da França, Inglaterra e Alemanha.

O mercado de banheiras tem-se desenvolvido muito nos últimos anos. Hoje vários fabricantes atuam, oferecendo uma gama de opções, de modelos, tamanhos e materiais. Destacam-se entre as mais modernas, as banheiras de hidroterapia ou hidromassagem, inventadas nos Estados Unidos e difundidas por todo o mundo.

Construídas em fibra de vidro laminada (Fiber Glass), têm incorporado em sistema de motobomba, dispositivo de hidromassagem e tubulação, o que permite manter a água recirculando, produzindo os jatos com mistura de água/ar.

O **bidê**, pequena banheira com suporte baixo, montada especialmente para lavar as partes íntimas, foi fabricado pela primeira vez na França, no início do século XVIII.

Primeiramente em nogueira, com bacia de metal e posteriormente com bacias de porcelana ou prata e suportes de madeiras raras.

Os exemplares mais antigos eram verdadeiros móveis com suportes para espelho e objetos próprios a esse tipo de toailete rápida. Houve-os duplos, para asseio íntimo de casais.

No Brasil existem modelos em madeira com bacia de porcelana, e de ferro esmaltado sobre suporte do século XIX. Tais exemplares foram encontrados no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, respectivamente, na Casa de Rui Barbosa, o primeiro, e na Casa de Benjamim Constant e Museu D. Diogo de Souza (Bagé), o segundo, sendo o deste último, com tampa.

No século XX, sua montagem é em grés porcelanizado ou porcelana, fazendo conjunto com bacias, sanitários e lavatórios.

Seu abastecimento de água acompanha a mesma evolução das banheiras. Componente básico de um banheiro tem sido seu uso desde sua criação, muito controvertido. Em alguns países não é aceito por sua conotação sexual. Sua função é, às vezes, ainda desconhecida - muitas vezes sendo usada para lavar... os pés! Atualmente vem sendo substituído nos banheiros por uma ducha manual acoplada junto à bacia sanitária ou colocada no box.

Até a difusão do uso dos talheres, na primeira metade do século XVIII, os alimentos eram levados à boca pelos dedos. Para a sua limpeza se recorria à lavagem com água vertida de vasilhas e aparada em bacias.

Na Idade Média a **aquamanil** ou **aquamanila** era o vaso que servia à higiene à mesa. Empregada desde o século XIII, desaparece no século XVI, sendo substituída pelo gomil e bacia, utilizados também na toailete. Para tanto, ocorreu também a ampliação da bacia e da capacidade do gomil, resultando no que, a partir do século XIX, recebe o nome de jarra e bacia.

O **jarro, jarro e prato, gomil e bacia e jarra e bacia** foram utilizados na higiene rápida de mãos, pés e abluções. O termo **jarro e bacia** ocorre no Brasil desde o século XVI, assim como as designações **gomil e bacia e jarra e bacia de ágoas às mãos**.

Usados indistintamente na mesa e no quarto, foram comuns no uso diário e eram oferecidos aos viajantes que se hospedavam nas casas, como se depreende dos trechos: ... *Terminado o jantar, traz-se o café, de que cada qual toma uma só xícara, como sedativo. Surge então um escravo, de bacia e jarro, ambos em geral de metal maciço, e com uma grande toalha atirada ao ombro, vai de convidado em convidado despejando do jarro sobre as mãos que eles sustêm sobre a bacia...* (LUCCOCK, 1809-1818, p. 84-85) ou ... *Colocou-se a um canto o lavatório, encheu-se o jarro que ficou dentro da bacia, ao lado da toalha.* (AZEVEDO, s/d p. 82).

Na alcova ou no quarto, jarro e bacia estiveram sempre associados à **toailete**.

A palavra, de origem francesa, significava no início do século XVII o conjunto de peças destinadas aos cuidados da higiene e da beleza do corpo. Em sua origem era uma peça de fazenda fina, na qual se envolvia e posteriormente se dispunham os diferentes objetos de toailete. Por extensão, este termo inclui desde então o conjunto destes objetos em ourivesaria, porcelana e metais inferiores.

O hábito implantado pelas rainhas Maria de Médicis e Ana D'Áustria de admitir íntimos e visitantes cortesãos na toailete diária, generalizou-se por toda a Corte, fazendo com que seus objetos componentes ficassem extremamente luxuosos. Era corrente um conjunto de grande ostentação para os visitantes observarem e um mais simples para uso no "boudoir", longe dos olhares indiscretos.

De um conjunto de toailete fazem parte normalmente o espelho, o jarro, a bacia, caixas para usos específicos, porta-jóias, porta-raízes e ervas, escovas, porta-esponjas, saboneteiras, porta-alfinetes, potes para pomadas e pintura do rosto, frascos de perfume, escovas de todos os tipos, campainhas, queimadores de perfume, funis, castiçais, etc...

No Brasil, os conjuntos encontrados são mais modestos. Em geral em prata e vidro, de porcelana, de ágata ou de metais banhados a prata, eram importados, geralmente, em maior número da França ou feitos no próprio país. São encontrados ainda em grande quantidade em mãos de particulares e em Instituições.

Bacias próprias para o asseio de rostos masculinos, as chamadas **bacias de barbeiro** foram muito utilizadas no País, provenientes da China - louça da Cia. das Índias - da Europa ou executadas aqui mesmo.

Para os cabelos, os **polvilhadores de perucas**, usados também por mulheres. Estes objetos de toalete ainda hoje são encontrados, porém, em número reduzido. Há alguns anos foi-nos dado apreciar um lindo exemplar, em prata, na coleção da Sra. Eva Klabin, no Rio de Janeiro.

Toalete, por analogia, é também o móvel com banca e lastro de pedra, podendo ter até três espelhos e porta-toalhas. Surgido a partir de 1850, teve como antecessor o **toucador**, móvel pequeno, com espelho e duas ou três gavetinhas, que era colocado sobre uma mesa, banca ou cômoda, sendo os primeiros exemplares de fatura inglesa.

Também conhecido no Brasil como **sinhá-moça**, seu sucessor é o **banco rústico ou lavatório**, móvel mais aperfeiçoado, podendo ter o lastro de pedra, mármore, vasado ou não para a colocação da bacia - com ou sem gavetas, portando espelho grande ou pequeno. **Móveis**, ditos de **Higiene**, são estes os precursores dos lavatórios (pias), como hoje os conhecemos.

Demais móveis de higiene foram concebidos e utilizados no interior dos quartos do Brasil do século XIX. Lavatórios em madeira utilizados como criado-mudo, com locais destinados à bacia e ao urinol (Museu Solar Monjardim - ES); lavatório portátil, conhecido também como "salt-de-lit", contendo bacia, gomil, cuia e espelho (Museu Casa de Benjamim Constant - RJ) e lavatório em madeira contendo reservatório de água, bacia, balde e gaveta (para urinol ?), em louça inglesa (Museu de Sobral - CE) são modelos específicos destinados à toalete.

O conjunto **fonte e lavabo** é encontrado a partir do século XVI. As fontes suspensas à parede, e os lavabos, apoiados a móveis, ou em recêntrâncias na parede não foram difundidos no Brasil. Como exemplar excepcional citamos o conjunto existente no Museu Histórico Nacional - RJ, que pertenceu ao Barão de São Lourenço.

Banhos públicos e casas de banho teve também o brasileiro.

Já em 1851 é notada por viajantes a paixão dos habitantes do Rio de Janeiro por banhos de mar. A estação de banhos estendia-se de novembro a março, indo os banhistas para a praia antes do sol nascer e retirando-se às 7:00 horas. A praia escolhida era a do Flamengo, havendo anos mais tarde um balneário chique, o Boqueirão, na praia de Santa Luzia. As mulheres vestiam roupas enormes de tecido escuro, a baeta azul-marinho. Mais tarde o traje ganha debruns brancos ou vermelhos (as mais ousadas), com calças que vinham até os pés, terminando em babadinhos também em debrum. Complementavam as toucas de baeta e os sapatos de corda ou lona.

Os homens vestiam-se decentemente de acordo com regulamentação policial.

Data de 1906 o primeiro regulamento da Prefeitura sobre o funcionamento dos balneários cariocas, exigindo uma sala ampla para receber afogados, medicamentos urgentes, peças de curativo e material cirúrgico.

Sobre banhos de mar, conta a crônica seu uso em **Barco de banho ou Banho de Camarote**, tomados em vistosa barca ancorada no Cais Faroux, à guisa do que já era feito na França, no Rio Sena. Esses banhos eram tomados em camarotes munidos de todo o conforto necessário, divididos em duas galerias, 16 de cada lado, para ambos os sexos. Eram os camarotes dotados de banheiras quadrilongas com dez palmos de comprimento e seis de largura, onde a água corria continuamente através de grades de ferro colocadas nas suas extremidades longitudinais. Neste barco havia toalete, um gabinete com perfumes, um botequim e bancos onde as pessoas, além de respirar o ar livre, apreciando a vista do porto, ouviam o som harmonioso de um piano.

Demais **banhos públicos** podiam ser tomados em hotéis como o Londres, o Faroux, o Ravot, sendo também ofertados **banhos de chuva**. Estes banhos eram vendidos por cartão, custando no ano de 1865 um cartão 1\$000 e sete cartões 5\$000.

Nas **casas de banho** tomava-se duchas. Seu funcionamento dependia geralmente de rios ou de fontes para seu suprimento. Instaladas em construções rebuscadas, ofereciam duchas nas suas variadas formas, indicadas por receita médica ou de acordo com o gosto do cliente - em leque, circular, dorsal e perineal.

Estabelecimento que marcou época foi o Hidroterápico de Petrópolis, as "Duchas". Fundado pelo francês Antoine Court, em 1877, era inclusive frequentado pelo Imperador D. Pedro II. De seu nome, nasceu o bairro "Duchas".

Notas pitorescas sobre banhos no Brasil colonial não devem deixar de ser citadas.

Os chins primavam pelo asseio em contraste com os alemães. Deixavam-se os alvos colonos invadir pelos bichos de pé, pois o pouco asseio do corpo atraía os daninhos insetos. Debalde se dizia aos colonos que aquela doença se extirpava com a tesouraria ou o alfinete e que o grande preservativo era recorrer diariamente ao rio e trazer o corpo limpo de imundície. Mas eles queriam curar-se do mal dos bichos com unguentos e cataplasmas e não foi possível convencer a um grande número que o hábito brasileiro de lavar os pés todas as noites é uma necessidade do homem do povo e não como pensa o proletário europeu, uma fantasia ou regalo de aristocratas e sibaritas. (FREIRE, 1951, p. 753).

Esta falta de asscio foi notada também entre os nobres brasileiros. Conta-se o caso de uma dama que encolerizada com a criada de quarto que lhe trouxera um vaso cheio de água para lavar as mãos, retrucou *não ter necessidade de lavá-las nunca, já que nada de sujo tocava, e que tal hábito era bom para criados e para o povo.* (LUIZ EDMUNDO, 1932, p. 276/277).

Sobre D. João VI enfatiza a crônica seu horror à água. Banhos, tomou-os sim, porém forçado por receitas médicas. Em um caso, sendo obrigado a lavar a perna "diariamente" para curar uma ferida perniciososa. Em outro caso, tomando banhos de mar metido em um grande gamelão de pau, em forma de tina, onde ficava sentado como dentro de uma banheira em seu palácio. Presa a sólidas correntes, era esta caçamba içada por turcos-de-ferro, colocados além da linha de arrebentação das ondas, na praia. O recipiente descia, afundava e subia logo, sendo mantido com as bordas fora da água. Isto, sob os olhos vigilantes e aterrados de D. João, que temia a mordida de caranguejos e siris... receio provocado por anterior ataque do carrapato de Santa Cruz...

Finalizando sobre o **banho**, lembramos que no século XIX, antes do uso dos sabonetes ingleses, eram os sabões para banho feitos de sebo, carne podre, osso e cinza, o que lhes dava a cor preta, sendo entregues embrulhados em folha de bananeira. O corpo após o banho era untado com essências naturais como o jasmim, e nos cabelos, óleos como o de babosa ou banha perfumada. No interior do Brasil, ainda hoje, usa-se o fruto de uma árvore, o "sabão de soldado", que espremido e esfregado com água proporciona espuma, com que se toma banho.

II - EXCREÇÃO

De tão importantes, os excrementos humanos podem estar ligados desde a fundamentação de teorias psicológicas até o seu reaproveitamento agrícola e energético dispostos a serviço do próprio homem.

O local destinado ao corpo na sua condição mais natural - o banheiro - e bem assim o ato fisiológico como função pessoal e intransferível, têm sido analisados do ponto de vista cultural, social, sexual, moral e político.

... Lugar onde mais nos sentimos bem, tendo acima as estrelas e abaixo os excrementos. Um lugar simplesmente maravilhoso, onde mesmo na noite do casamento é possível se estar só. Um lugar de humildade, onde você descobre claramente que não passa de um homem que nada pode conservar. Um lugar de sabedoria, onde você pode preparar a barriga para novos prazeres (BARBOSA, 1986, p. 69), seg., cit. de Bertolt Brecht in *Poemas*. Lisboa, Presença (1976...)

É o espaço considerado excluído nas moradias: na arquitetura, nos sentidos e nas conversações. Na arquitetura, separado o mais das vezes das partes sociais. Nos sentidos, excluído da visão - projetado estrategicamente; do olfato e do tato - equipados com sistemas que impelem os dejetos para longe da casa e com paredes assépticas, fáceis de limpar e lavar; da audição - com descargas cada vez menos ruidosas. Nas conversações, através de eufemismos, que revelam o pudor, a vergonha e o nojo que o local desperta: *... vai-se ao banheiro: lavar as mãos, retocar a maquiagem, fazer um pipi, fazer cocô (em situações de intimidade), fazer necessidade, passar um telegrama, falar com o Miguel, defecar, fazer aquilo que ninguém pode fazer por mim, ir ao mictório, ir ao toalete - ou sinônimos: sanitário, WC, Water Closet, casinha, gabinete, quartinho, latrina, mictório, privada.*¹³ (BARBOSA, 1986, p. 70) *... que, nos terrenos do corpo, como a excreção e a sexualidade, impõe-se politicamente através dos mitos de higiene...* (BARBOSA 1986 p. 73).

Os modos de "fazer", os hábitos de "esconder" e "negar" as funções fisiológicas, os "preconceitos" com o corpo, a "indiferença" ao bem-estar da coletividade, têm tido em todos os tempos características universais, independentemente de civilizações ou de status social.

Condicionado a uma premência momentânea, o hábito de eliminar os dejetos¹⁴ *ao relento, no fundo do quintal, nas bananeiras, nas moitas de mato, atrás das pedras, atrás dos troncos ou dentro deles, nas praias, na beira de rios e riachos, nas praças, etc... etc... etc...*, acompanha a própria evolução do mundo, desde a pré-história até a época atual.

No Brasil, o defecar de côcoras à maneira dos índios, era geral entre as populações mais pobres das cidades e as populações rurais. Perdura de acordo com a necessidade até hoje, e quiçá para sempre.

Era comum a nossos indígenas se afastar de suas malocas para fazer suas necessidades. A trilha utilizada, que levava à mata, findava geralmente em um tronco que fazia as vezes de privada. As crianças pequenas (curumins) não era permitido esse afastamento. Sentavam-se à beira do terreiro e operavam ali mesmo, depois, junto às mães, punham-se de quarto e deixavam-se assear.

Igual hábito pode ser observado entre colonos alemães no Rio Grande do Sul, nos arredores de São Leopoldo (1868-1871), hábito este também assinalado desde a antiguidade, em especial em cidades medievais.

... Se com o problema de todos os construtores de afastar o cheiro desagradável da cozinha dos demais compartimentos da casa, fica resolvido, os colonos resolveram de um modo não menos simples evitarem as emanações ainda mais incômodas das latrinas, eliminando-as de dentro e de fora das casas deixando a cada um a escolha do lugar conveniente ao ar livre. Os numerosos porcos espalhados pelos quintais cuidam por seu lado da pronta remoção desses inevitáveis detritos, e mostram-se tão zelosos nisso que torna difícil fugir-se à precipitação desses zelosos animais, sendo por isso necessário armar-se de pedras ou pau, quando não se pode nesses casos evitar o encontro... (CONSTAT 1954 p. 392).

Anterior ao banheiro, ou ainda convivendo com ele até hoje, é a **casinha ou quartinho**, uma privada colocada o mais longe possível das moradias ou suspensa sobre águas correntes (rios, riachos, fossos e buracos). Composta de um compartimento de madeira, pedra, pau-a-pique, etc., é coberto com telhado, de acordo com o país, a região, o material local ou o método construtivo corrente. Encobre uma ou mais latrinas que podem ser: uma caixeta de madeira com orifício ao centro; uma pedra escavada com igual orifício; um barril sem fundo - todos enterrados até o meio sobre uma fossa¹⁵ ou despejando diretamente em seus escoadouros.

Podia ser **particular** - casas, castelos, mosteiros, fortalezas e senzalas; **pública** - no caso de populações urbanas e população diária de mercadores (Inglaterra Medieval) e **comunitária** - construída para moradias coletivas, vilas, etc.

No Brasil, construída distante da casa ou do sobrado foi de uso constante nas zonas rurais, generalizando-se nas casas suburbanas da segunda metade do século XIX, e perdurando ainda hoje em várias regiões do País.

No interior, em especial em fazendas antigas, segundo a tradição oral, era utilizada como **casinha ou quartinho**, um cômodo dentro de casa, próximo à cozinha, onde se amontoavam a palha, detritos, etc., em traço comum com a fazenda medieval, onde as pilhas de esterco eram a única privada doméstica. Esse cômodo, nesse caso, era utilizado por crianças, atribuindo-se o fato ao medo de "ir lá fora", principalmente à noite.

A **fossa séptica**¹⁶ - predecessora das redes de esgoto - é um buraco cavado na terra destinado a receber excrementos. A ação da terra elimina os odores e transforma a matéria orgânica em substâncias minerais.

Já é assinalada desde a antiguidade, estando ligada a legislações específicas sobre seu uso, e estórias curiosas e escabrosas.

Penalidades por uso indevido, por falta de cuidado e assepsia, mortes acidentais por "afogamento" provocadas por queda através de tábuas apodrecidas, assassinatos premeditados, mortes "circunstanciais" por motivos políticos ou religiosos, são freqüentemente citados.

Em Roma, eram normalmente os dejetos domésticos depositados em buracos abertos ao pé das escadas das habitações, de onde eram retirados à noite por **estercoreiros e rapinantes**, que os levavam para fora da cidade. Eram esses dejetos aproveitados para o enriquecimento do solo das fazendas próximas, fertilizando suas terras com seus poderosos compostos nitrogenados.

No Brasil, na ausência do "quartinho" ou "casinha" é ainda usada a fossa. Sua assepsia é feita com cal e areia.

Assinale-se o fato de, no interior, ser seu uso vedado às crianças, pelo perigo de cair em pelo orifício do assento e morrerem se não socorridas a tempo.

Desenvolveram-se no decorrer de séculos recipientes próprios para a eliminação e coleta dos dejetos, assim como móveis destinados a recebê-los e escondê-los, que independem de instalações hidráulico-sanitárias, posto que sua limpeza e despejo competiam aos escravos. São esses recipientes - **vasos, urinóis, tamboretas e retretes**, os precursores do vaso sanitário.

O **urinol**¹⁷ e/ou **vaso noturno** - de barro, de louça azul, de louça branca, de metal, de prata, de ouro, de ágata, de plástico, da terra ou importado; liso ou com decorações; com tampa ou sem ela; nas camarinhas ou alcovas; nos quartos; escondidos debaixo de móveis ou nele disfarçados (cadeiras, cómodas, criados-mudo, cadeiras fisiológicas); de criança ou de adulto, perduram até hoje.

Seu uso é generalizado desde o século XVII tendo como antecessores, o **pote, o vaso, o balde e a bacia de urinar**, citados em inventários de época ou estudos especializados sobre o assunto.

Não havendo latrinas ou privadas anexas às casas, usavam-se as peças citadas, trazidas e esvaziadas por escravos empregados para esse fim.

Em Roma, quando um cavaleiro desejava seu **vaso noturno**, estalava o dedo médio e o polegar, que era a forma "de falar", através de um ruído - o "concreptare digitos".

Despejados em vasos próprios, nas fossas, cursos de água corrente, em escoadouros ou, de rua abaixo, através de janelas, eram o terror dos transeuntes pouco precavidos em horas noturnas e tardias.

Tornaram-se motivo de leis e posturas, estórias, peças teatrais e poesias, em todos os tempos de onde salienta-se uma do século XVIII:

*Presunçoso penico, de que forma ofendestes?
Obrigando mulheres a curvarem-se sobre seus traseiros?
Aos reis e rainhas humildemente dobramos o joelho;
Mas até rainhas são forçadas a abaixar-se até vós.*

No Brasil, segundo Gilberto Freire, eram chamados “capitães” aos urinóis grandes, onde as mulheres sentavam-se preguiçosamente, na época colonial, fumando e conversando nas alcovas.

Os de louça (col. Therezinha de Castro Côrtes, RJ, e Hugo Leal, RJ), ou de metais preciosos (Museu Histórico Nacional, RJ e col. Maria do Carmo Nabuco, RJ) eram reservados aos burgueses e aristocratas.

Os de barro (col. Paula Valéria do Oliveira, RJ) e de ágata (col. Zoraide Escovino Alegrete, RJ), eram reservados às camadas mais populares.

Ainda no século XVIII era o recurso mais usual para o alívio das necessidades fisiológicas, aparecendo a partir deste século e no seguinte disfarçados na elegância de uma peça de mobília em estilos eruditos (D. João V, D. José, Chippendale, Hepplewhite e Sheraton).

O vaso com alças de terracota, de forma oblonga na proporção de 3 palmos (66 CM) e o barril, de tábuas e aros de ferro, que era usado até o quase apodrecimento para o transporte d’água eram os recipientes utilizados na recolha dos excrementos dos urinóis.

Escondidos ao pé da escada, num canto de jardim, atrás de uma latada guarnecida de plantas trepadeiras num caminho contíguo à casa, ou simplesmente disfarçados entre duas ou três pranchas apoiadas contra o muro, eram levados pela hora da Ave-Maria para serem despejados nas praias, cobertos por um pedaço de tábua ou uma grande folha de couve.

Carregados nas cabeças dos negros encarregados de tal serviço, eram o terror dos transeuntes, dos comerciantes e das modistas, não só pelo mau cheiro exalado, como também pelos acidentes que frequentemente ocorriam, principalmente com os barris, que se rompiam, sob o peso do seu conteúdo, e das sacudidelas ocasionadas pelo transporte, espalhando os excrementos por todos os lados, infectando o local e coraçando o escravo com tábuas e aros, coroando-o com a folha de couve.

Este acidente provocava a alegria e o deboche dos demais escravos e as impercações de toda a vizinhança, que obrigavam o infeliz escravo a lavar e secar o lugar infestado, além do castigo que normalmente lhe era reservado, ao retornar horas depois a casa, por sua suposta malandragem.

Por sua função e por esses incidentes, dava-se aos escravos assim camuflados, o nome de TIGRE (nome que, por analogia, estendeu-se ao próprio vaso).

Urinóis e/ou vasos noturnos, potes, bacias de urinar e baldes, nas famílias mais abastadas, aristocratas e mesmo nas casas reais e imperiais ficavam disfarçados em cadeiras, poltronas, caixas e tamboretos furados no meio do assento, denominados **retrete**.

Evoluindo como já foi dito de acordo com estilos correntes em cada época ou de acordo com gosto e o poder aquisitivo de cada um, podiam ter o **assento** encoberto:

1) Por rico estofado de veludo, seda, penas e adameado, solto ou tauxiado com pregaria dourada, guarnecido ou não de franjas de seda, de metais preciosos (prata e ouro) e rendas.

Nesse caso citam-se os “tamboretos fechados” ingleses, com duas peças remanescentes, uma em Kampton Court e outra em Knell, em Kent;

2) De palhinha pintada ou envernizada;

3) Simplesmente envernizado;

4) Envernizado com adameado.

Estruturalmente a **retrete** tem diferenciação no **assento** - se feminina com um simples círculo; se masculina com o círculo interrompido na vertical por recorte oblongo para acomodação do órgão genital. (Museu do Diamante, MG)

Em seu interior, na parte inferior, possui compartimento com porta ou não para ocultar o **urinol, bacia, vaso ou pote**. Quando toda aberta, pouco disfarçando o **pote de barro** que lhe ia até o círculo do assento, recebe igualmente o nome de **cadeira sanitária**.

O uso de **retrete** já é assinalado na Idade Média, no século XIII, segundo alguns historiadores, ou no século XV, segundo outros, em um quarto privado em castelos e mosteiros. Protegida num quartinho pendente sobre o fosso ou sobre um curso d’água. Pode ser considerada o primeiro indício do luxo do século XIX, de uma privada para cada família, ou ainda de uma privada para cada quarto de dormir, no conceito norte-americano.

Seu uso perdurou até os primeiros anos do século XX.

No Brasil, Jean Baptiste Debret atribui seu uso à impossibilidade de usar-se latrinas, como na França, devido ao fato de a água estar praticamente à flor do solo quando este era escavado. Cita a Casa Imperial como possuidora de cadeiras com bacias inovadoras (Faiança 2), de fabricação inglesa. Isto entre o período de indíomas 1816 e 1831, época de sua permanência no País.

Sua importância como peça de higiene, seu material, sua quantidade e seu local utilitário podem ser analisados em Inventários de época dos quais destacamos o do "Palacete do Caminho Novo", pertencente à Marquesa de Santos (Domitila de Castro Canto e Melo), ano de 1831, onde estão discriminados: 1 retrete de mogno com todos os seus pertencentes, no Quarto do Retrete; 1 retrete de madeira ordinário com bacia, no quarto de dormir, e 1 retrete de madeira ordinária, na relação de utensílios que existem para limpeza e arranjo do Imperial Palacete; juntam-se a elas 6 urinóis de louça e 2 bacias para o retrete.

Deduz-se desses dados os poucos móveis sanitários existentes, mesmo em palacetes aristocráticos e, também, já um indício no Brasil de um cômodo ainda inexistente no interior das moradias - o **banheiro** - caracterizado, no caso, como **Quarto do Retrete**.

A par de serem os móveis para excreção utilizados nos séculos XVIII e XIX, **retretes e cadeiras sanitárias** proporcionavam também conforto a idosos e doentes. No início do século XX seu uso é abolido gradativamente, notando-se ainda uma certa preocupação quando é colocada uma **cadeira sanitária** sobre um **vaso sanitário**, em substituição ao **vaso de barro**. Igual preocupação é veiculada à caixa de descarga acoplada ao mesmo.

Retretes e cadeiras sanitárias de fatura erudita e de fatura popular ou regional, podem ser encontradas não só em mãos de particulares como em museus, dos quais destacamos: Museu Imperial, Petrópolis, RJ; Museu da Casa Brasileira, SP; Museu do Diamante, MG; Museu do Colono, Santa Leopoldina, ES e Museu do Sertão, Petrolina, PE, esta última com uma característica regional de se denominar "cadeira para necessidades fisiológicas para parturientes" (?) (um banco tripé, furado ao centro com penico em baixo).

O **vaso sanitário**, este "amigo certo das horas incertas", cuja importância é ainda hoje minimizada como um mal necessário, responsável pela evacuação das matérias fecais (fezes e urina) eliminadas pelo homem, na proporção de 460 Kg por ano, foi inventado na Inglaterra em 1596, por Sir John Harington, afilhado da Rainha Elizabeth I.

Com partes móveis e descarga de água, assim escreveu Harington sobre seu invento, num erudito elaborado tratado sobre o vaso sanitário (Water closer): *Requer não um mar de água, mas uma cisterna, cheia não como o Tâmis inteiro, mas com meia tonelada para manter tudo limpo e cheirando bem. Suas atraentes palavras de nada valeram. Era um homem muito à frente de seu tempo.* (LAMBTON 1974, p.1)

Somente 179 anos mais tarde, em 1775, iria ser tirada a primeira patente bem sucedida para um vaso sanitário, por Alexandre Cummings, um relojoeiro.

Esta patente foi aperfeiçoada 2 anos mais tarde por Thomas Prosser, e novamente alterada e aperfeiçoada em 1773, permanecendo satisfatória nos 98 anos subsequentes.

Condicionado, naturalmente, a uma maior disponibilidade de água, que por essa época já era canalizada para o interior das moradias, o **vaso sanitário** (water closet)¹⁹ começa a aparecer nas plantas do século XVIII, ainda de forma irregular, vindo a implantar-se definitivamente no século XIX.

De sua forma primitiva, feito de mármore, com um longo cabo ligado a uma tampa, que era empurrado para cima, liberando o conteúdo do vaso para dentro do alçapão, um recipiente em forma de "D", cheio de água, do alto do qual saía outro cano, que nunca era convenientemente "esvaziado", até as mais avançadas formas do "design" futurista, que explora novas linhas e inova seus materiais constitutivos, os **vasos sanitários** passaram por uma longa linha de desenvolvimentos e melhorias, que modificaram lentamente os malcheirosos hábitos centenas de anos.

Nomes como os de Joseph Bramah, William Law e Swift, no século XVIII; S. Stevens Hellyer, Daniel Thomas Bostel, George Jennings, Wiss, Reverendo Moule, Thomas Twyford, Edward Johns, John Shanks, J.R. Mann, Humperson & Co., Thomas Cupper, Adamant, Dalton, nos séculos XIX e início do XX - inventores, engenheiros, produtores, fabricantes, sanitaristas e políticos, mudaram os antiquados padrões de sanitarismo, lutando por reformas, inovando, revolucionando, reformando e aperfeiçoando a tecnologia do banheiro, com seus componentes: **vaso sanitário (bacia)**, **bidê**, **lavatório** e seus complementos.

Esses nomes e firmas produziram centenas de invenções e de variações de vasos sanitários, a saber: o "PAN" (século XVIII), repudiado pelos sanitaristas; o "HOPPER" - simples vaso em forma de cone em cerâmica ou ferro, cujo jorro de água era muito fraco para mantê-lo suficientemente limpo; sanitários portáteis, patente de Wiss, com pequena cisterna de água, encerrada juntamente com o vaso em uma caixa de madeira (1844 até o fim do século), o "sanitário de terra" (1860), que utilizava com sucesso a terra armazenada atrás do assento liberada em quantidades certas e eliminando o uso da água; o "OPTIMUS", com válvula e borda de descarga; o "EXCELSIOR" (1875) com pedestal de cerâmica; o "NATIONAL" (1831) com descarga e partes móveis escondidas por uma cobertura de madeira; o "UNITAS" com pedestal de cerâmica totalmente exposto, sem o cercado de madeira

que permitia o acúmulo de sujeira e odores; o "LEÃO" (1896) um dos melhores vasos sanitários; o "VASO DO SÉCULO" com sifão²⁰, de Jennings, um dos mais populares de sua época e ascendente direto de nossos sanitários de hoje.

Dessas variações hoje só se fabricam quatro: o de sifão, o vaso de cócoras²¹ e os de descarga ("wash-out" e "wash-down").

Existem dois tipos de vasos sanitários: **mecânicos e não mecânicos**. Nos **mecânicos**, o mecanismo de controle da descarga está em estreita conexão com o vaso, formando parte dele (válvula, tampão e bacia dupla). Nos **não mecânicos**, todas as peças controladoras estão contidas na cisterna, tornando o sanitário abaixo mais confiável e fácil de fabricar (Hopper, wash-down e sifão).

Sanitários, banheiras e lavatórios (pias passaram a ser objetos belos e decorados entre 1875 e 1900). Era enorme a variedade de modelos, que estampados em monocromo (azul e branco, vinho e branco), policromos e em relevo branco (geralmente folhas e frutos de carvalho). Nos catálogos das fábricas, primorosos e hoje raros são comuns os nomes: Vermelho Hispânico, Rosa Selvagem Natural com Esboço de Espinheiro-Negro, Papoula Azul-Pavão e Japonesque. Os nomes responsáveis por essa decoração, foram os mesmos responsáveis pelo desenvolvimento dos water-closet, tal como hoje o conhecemos.

Data do século XVIII a invenção do papel sanitário para limpeza indireta das partes externas, após urinar ou defecar. Foram usados em épocas diversas, e por povos diversos, buchas mantidas em recipientes de água salgada, ou mergulhadas em água corrente; pedras, conchas; molhos de capim; trapos velhos; folhas de árvore; folhas de bananeira; paus, talas; sabugueiro-de-milho, etc.

Se na Inglaterra, a partir de meados do século XVIII, o banheiro foi lentamente sendo incorporado ao interior das casas mais luxuosas, no Brasil o processo foi extremamente mais demorado. Até o ano de 1853, os "tigres" continuavam lançando os dejetos no mar. Concomitantemente, existiam serviços particulares de coleta a domicílio, realizados por "barriqueiros" - carroças fechadas com portinholas contendo barris que recolhiam os excrementos nas casas. Mesmo após a incorporação do banheiro nas moradias, nas primeiras décadas do século XX, ainda persistia em locais mais distantes do país, o uso do vaso de barro como coletor, segundo informações e peça existente no Museu Dom Diogo de Souza, em Bagé, Rio Grande do Sul.

Nesse ano de 1853 cogitou-se pela primeira vez do saneamento por meio de esgotos. Com a criação da **The Rio de Janeiro City Improvements Co. Ltd.**, cujo contratante foi John Frederic Russel e a instalação de quatro estações de tratamento de eflúvios sanitários, o Rio de Janeiro, em 1862, foi a segunda capital do mundo a ter rede de esgoto.

Libertos os escravos e modernizadas as instalações hidráulicas, entre outros fatores, acelerou-se a incorporação do banheiro, como hoje o conhecemos, ao cotidiano das habitações. Pelo sistema de vasos comunicantes aplicados ao vaso sanitário, os dejetos, impulsionados pela água corrente, passaram a ser escoados no sistema de esgoto.

A grande incidência de ingleses no Brasil contribuiu para a mudança de nossos hábitos nas moradias, no vestuário, na higiene, sem falar de sua contribuição no comércio, na indústria e nos transportes. A eles devemos a incorporação definitiva do banheiro nas moradias do final do século XIX e início do XX.

O volume maior de material importado inglês, ligado à higiene corporal e à excreção data dos últimos anos de 1800 em diante - urinóis, vasos sanitários portáteis e fixos, pias de canto, lavatórios, lava-mãos, mictórios, caixas de descarga e complementos; de madeira, de metal ou de louça, com tampa ou sem ela, lisos, estampados ou em relevo, obedecem aos modelos e padrões correntes. Acredita-se ser esse material trazido por meio de encomendas de catálogos através das lojas importadoras, que as enviavam também para cidades do interior e zonas rurais.

Nomes de firmas como as de: John Miller & Co. Ltd., Liverpool; Doulton & Co. Limited; G. Jennings, London; Johnson Brothers Hamley Limited; Adamant, Twyford Ltd., Hamley, foram encontrados em diversas peças remanescentes entre nós - um vaso sanitário portátil (Museu Casa de Rui Barbosa, RJ); um vaso estampado (col. República Pulgatório, MG); um mictório liso, um vaso com desenhos em relevo e uma caixa de descarga com tampa (col. Norma Alvarenga Lamego, MG), um vaso sanitário e caixa de descarga (Museu Casa de Rui Barbosa, MG), um banheiro completo com seus complementos (Museu do Açude, RJ).

Em outra escala ocorreram importações de materiais alemães, franceses, belgas e espanhóis, principalmente ladrilhos hidráulicos, frisos e azulejos de cerâmica esmaltada.

Banheiros completos de material importado existiram em residências, lojas comerciais, provavelmente em estações ferroviárias, e também em fazendas, como o remanescente em Vassouras, RJ, que se constituiu em raridade, pois as demolições para modernização encarregaram-se de destruí-los. Como grande exemplo de perda, o banheiro da casa de Martinelli, na Av. Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro. Construído no início do século e demolido na década de 1970. Configurava uma ampla e completa sala-de-banho correspondente às exigências do conforto de nossa alta burguesia.

Os **banheiros de trem** obedecem, de acordo com a época - século XIX ou XX - padrões sanitários encontrados nas moradias: privada com orifício e tampa, de madeira, pias com todos os apetrechos, mictórios fixos, podendo formar móveis e banheiras. As reservas d'água são grandes depósitos sob o trem e o despejo das águas servidas feitos diretamente na linha férrea.

No Rio de Janeiro, no Museu do Trem, existem dois esplêndidos exemplares, mobiliados de acordo com o gosto da época: 1) o carro imperial, conhecido como Carro do Imperador, construído na Bélgica em 1886, pela Société Anonyme Dyle Bacalau, e que servia a D. Pedro II, tem um closet e um lavatório; 2) o carro que serviu ao Rei Alberto, em 1920, quando de sua viagem ao Brasil, construído nas oficinas de Engenho de Dentro, apresenta seu interior em estilo "Art Nouveau" e com um lavatório fixo de louça inglesa de Doulton & Co. Limited Sanitary Engeneer Works. Outro exemplar, este avulso, também pertencentes ao citado Museu, é o lavatório (lava-mãos) da Leopoldina Railway.

Banheiros comunitários (comunas), ou seja, de uso comum a várias pessoas ao mesmo tempo, foram conhecidos desde a antiguidade. Construídos do lado de fora ou em castelos, mosteiros, fortalezas, instituições penais e meios de transporte, estes últimos, apreciados através de publicações especializadas. Basicamente compõem-se de uma caixeta de madeira com orifício ao centro, ou uma pedra escavada com igual orifício. Existem peças compostas de um a seis assentos espaçados convenientemente e meio assento (para crianças). A base era enterrada até o meio sobre uma fossa, ou despejando diretamente em escoadouros.

Como exemplos imediatos citamos os remanescentes romanos na Inglaterra, na Muralha de Northumberland, onde cerca de vinte homens podiam sentar-se e apreciar a vista e os de embarcações inglesas do século XVIII, comuns provavelmente a outras nações, colocados na proa, cujo movimento do mar propiciava a limpeza.

Em Niterói, RJ, existe um remanescente na Fortaleza de Santa Cruz, com três assentos, parcialmente destruído. Localiza-se em compartimento hoje transformado em lixeira (por desconhecimento de sua antiga função e raridade).

Nas instituições penais brasileiras dos séculos XVIII e XIX, nas Casas de Câmara e Cadeia, também são encontrados.

As condições de higiene das cadeias nesses séculos eram consideradas precaríssimas, com excesso de população carcerária vivendo em ambiente promíscuo e da caridade pública. O abastecimento de água e as dejeções em barris, em sua maioria, eram hábito. Os canos, quando os havia, deixavam que entupissem até chegar às comunas transbordando pelas enxovias.²²

A cadeia mineira tem talvez a primazia nas instalações sanitárias, com abastecimento de água feito através de alcatruzes e canos de pedra e rede de esgoto.

Na Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, hoje Museu da Inconfidência, pode ser apreciado o conjunto de bica, pia secreta, restaurado em parte pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Na de Mariana, as comunas são unitárias, dentro de pequenos cubículos nas enxovias.

No século XX são usados nos navios os banheiros chamados "turcos", onde a pessoa ficava de cócoras não havendo contato direto com a louça. É o caso do banheiro do contratorpedeiro Bauru (década de 1940-1950). Banheiros "turcos" são também usados em cadeias, onde recebem o nome de "boi"; daí a expressão usada pelos detentos, "café do boi", quando não querem revelar terem sido atacados pelos companheiros.

Banheiros públicos já eram conhecidos dos romanos que colocavam recipientes nas esquinas, para que neles as pessoas se aliviassem. Reverenciavam também a Stercutius e Crepitus como deuses dos excrementos e Cloacina, com deusa do esgoto comum.

Na Inglaterra Medieval, tanto podiam ser fixos, ao ar livre, como já no século XVIII, ambulantes, "os lavatórios humanos" homens que andavam pelas ruas como enormes capas que envolviam tanto o cliente quanto o balde que carregavam.

A George Jennings, um dos primeiros e mais importantes inovadores no mundo da reforma sanitária, no século XIX, devemos a aplicação de sua nova tecnologia, os "monkey closets", precursores da descarga, nos mictórios públicos. São de sua concepção os vasos sanitários construídos sob o solo, com arcos de ferro batido, trilhos ou pérgolas, para marcar sua localização. Os construídos acima do solo, por suas características próprias e méritos, mereceram o nome de "templos de conveniência". Dele é também a invenção do mictório com pilar central a sua volta, econômico em termos de espaço e de água.

Na aquarela de Jean Baptiste Debret, pertencente ao colecionador Jean Boghici, no Rio de Janeiro, constata-se o hábito de urinar nas ruas, contra uma parede ou muro (1816-1831).

Ato de difícil repressão, pois, ainda em 1869,²³ é determinada em Postura da Câmara a proibição de urinar fora dos mijadouros²³, sob pena de pagar multa. Iguamente na Legislação de Francisco Pereira Passos, Prefeito do Rio de Janeiro nos primeiros anos de 1900, há a preocupação de proteger as pessoas, ruas, praças e demais logradouros contra corpos sólidos ou líquidos despejados ou lançados à revelia.

A Francisco Pereira Passos, com a implantação de uma política de urbanização, com sua política sanitária vistoriando e fazendo cumprir a legislação imposta pelo programa de sanitário no qual Oswaldo Cruz é a figura expoente, devemos a reabilitação do Rio de Janeiro em seus aspectos de embelezamento e saneamento.

Desse período dois importantes banheiros públicos sobressaem: o do **Valongo** (atual Rua Camerino) e o da **Amurada do Hotel Glória**, na rua Russel. O do **Valongo**, construído no jardim do mesmo nome, com projeto de Luiz Rey, foi inaugurado em 1906, possuindo mictórios e dejetórios dentro de construção acima do solo, que compõe o complexo de remodelação urbanística da área. É tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual SPHAN. O da **Amurada do Hotel Glória** é tombado pelo Patrimônio da União, INEPAC. Ambos, marcos de arquitetura e tecnologia - fundição em ferro, louça pesada inglesa (mictórios Adamant) no caso do segundo - estão completamente destruídos em seus interiores, servindo de abrigo a mendigos - perdidos portanto como marcos da evolução sanitária no Brasil do início do século XX.

O **Banheiro Público**, feito para os que são "pegos de surpresa" pela necessidade fisiológica e não têm tempo de controlar intestinos e bexiga, desempenha função fundamental na normalidade da vida urbana. Comparado com instalações higiênicas residenciais, o WC público apresenta uma série de desvantagens para o usuário - desvantagem de ordem física, social, emocional e moral. O WC serve a muitas práticas além da função de dejetório - propicia também a prática de atividades socialmente proibidas, como a masturbação, atos homossexuais, uso de drogas, "desova" de roubos, etc.

Nele aparecem **grafitos**, expressão pessoal, suporte físico e ambiental de uma forma literária popular mural de garantida audiência. No banheiro público é onde mais se produzem grafitos. Este tipo de comunicação passou por todas as civilizações até as contemporâneas. Ocorrem na forma de inscrições ou de desenhos toscos, traçados por pessoas geralmente não identificadas com a finalidade de transmitir mensagens aos usuários.

O grafiteiro escreve nas paredes, portas, assentos, no vaso, na descarga, no teto, no chão. Os temas utilizados são: mensagens homossexuais, masculinas e femininas, de sexo oral, incesto, adultério, masturbação, sexo grupal, impotência, concepção, órgãos genitais e ato de defecar. Os gêneros são a política, drogas, religião, afetivos, sexuais, escatológicos e sociais, fofocas, boatos, rumores, definições, juízos de valor, interpelação, provocação, xingamentos, denúncias, reclamações, anúncios, chistes, piadas, gracejos, trovas, diálogos e metalinguagem²⁴.

Grafitos ocorrem principalmente em sanitários públicos de estabelecimentos de ensino (de todos os níveis), terminais de passageiros, fábricas, escritórios, repartições, bibliotecas, bares e centros comerciais.

Nos últimos anos, normas de conforto e segurança foram estabelecidas quanto à utilização de sanitários por pessoas deficientes. Áreas que permitem a livre circulação de cadeiras de rodas; alturas e distanciamento menores das bacias sanitárias, niveladas com o assento das cadeiras de rodas ou cadeiras higiênicas; larguras e profundidades maiores nos boxes individuais; portas de correr; cortina plástica ou abrindo para fora com fechaduras que possam abrir pelo lado de fora; barras de apoio; pisos e fundos sem ressalto e antiderrapantes; mictórios com dispositivos adequados; banheiras com banco adaptado, com pés de ventosa de borracha e altura variável; lavatórios sem coluna e quando com utilização de água quente, com proteção frontal para evitar queimaduras; tomeiras com alavanca operável num único movimento, são as adaptações já encontradas, com símbolo internacional de uso ou acesso, nas construções, em locais públicos e nos meios de transporte viários, aéreos e ferroviários.

BIBLIOGRAFIA

- ABNT. Adequação das Edificações e do Mobiliário Urbano à Pessoa Deficiente. Procedimento. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1989.
- ALMANAK LAEMMERT. Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Companhia Typographica Brazil, anno 1860.
- AZEVEDO, Aluísio. Casa de Pensão. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
- BANDEIRA, Manuel e Drummond de Andrade, Carlos. Rio de Janeiro, em Prosa e Verso. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1965.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Rio de Janeiro em Prosa e Verso. Rio de Janeiro. José Olímpio, 1965.
- BARBOSA, Gustavo. Grafitos de Banheiros. A Literatura Proibida. Rio de Janeiro, Anima Produções Artísticas e Culturais Ltda., 1986.
- BARRETO, Paulo Thedim. Casas de Câmara e Cadeira: Tese apresentada para provimento da cadeira de Arquitetura no Brasil da U.B. Rio de Janeiro, 1949.

- BASTOS, Gilda Garcia. Aspectos medicinais e de higiene da vida indígena in: Revista de ensino, ano XIV. Rio de Janeiro. Melhoramentos S.A., 1966.
- BLACKIE AND SONS. The Victorian Cabinet Maker's Assistant. New York. Dover Publications, 1970.
- BLUTEAU, de Raphael. Vocabulário português e latino. Coimbra. Colégio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1721.
- BURTON, Richard Francis. Explorations of the Highlands of the Brazil. London. Tinsley Brothers, 1869.
- CARPICECI. Pompei comi era 2000 anni (24), Firenze, Bonechi, 1977.
- CARVALHO, Lúcia Olinto de. Banheiro História e Arte in: Museu Pessoal. Rio de Janeiro. Ministério da Cultura/Fundação Nacional Pró-Memória/Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya, 1987.
- CLOQUET, A. Traité D'Architecture, Hygiène, Chauffage, Ventilation. Paris, Baudry et Cie (8), 1898.
- COLETÂNEA de Notas de Inventários e Testamentos e Obras de Cronistas, viajantes e romancistas do séc. XVI ao XIX. São Paulo, Museu da Casa Brasileira, s/d.
- CONSTAT, Oscar. Brasil: a Terra e a Gente 1871. Rio de Janeiro, Pongetti, 1954.
- COSTA, Lúcio. Depoimento de um Arquiteto Carioca in Edição comemorativa do Cicoentenário do correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1951.
- COSTA, Nilson do Rosário. Estado, Educação e Saúde: A Higiene da Vida Cotidiana. Rio de Janeiro. Escola Nacional de Saúde Pública, s/d.
- COSTA, Oswaldo de, COSTA, Othon e Cavallero, Orchidéa, Carlos Benjamim Silva Araújo in Memoriam. Rio de Janeiro, 1977.
- DAY, Louis J. Standard Plumbing Details. New York, John Wiley & Sons, Inc., 1938.
- DEBRET, Jean Baptiste. Voyage Pittoresque et Historique au Brésil. Paris, Firmin Didot, (1 e 2), 1834/1835.
- . Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. São Paulo. Martins (1), s/d. (1940).
- DOULTON & Co. Limited. Catalogue of Fitted Sanitary Appliances. London, Albert Embankement, 1903.
- EWBANK, Thomas. Life in Brazil. London, Sampson Lowison & Co., 1856.
- FERNANDEZ, Saturnino Calleja. El Cocinero Pratico. Nuevo Tratado de Cocina Reposteira y Pastelaria. Madrid, Casa Editorial, s/d. (séc. XIX).
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. Mobiliário Brasileiro Bahia. São Paulo, Espaldi, 1968.
- FREIRE, Gilberto. Ingleses no Brasil. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1948.
- . Sobrados e Mucambos. Rio de Janeiro. José Olímpio (2 e 3), 1951.
- FRIKEL, Protásio. Os Tiriyó Seu Sistema Adaptativo. Hannover, Kommissionsverlag Munstermann Druck, 1973.
- GARDNER, George. Viagem pelo Interior do Brasil, principalmente nas Provincias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante Durante os Anos de 1836-1841. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, sd.
- GRAHAM, Maria. Diário de uma Viagem ao Brasil e de sua estada nesse País durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823. São Paulo, Nacional, s/d. (1956).
- GRUBER, Alain. L'Argenterie de Maison du XVI au XIX siècle. Suisse, Office du Livre, 1982.
- KIDDER, D. P. e Fletcher, J. C. O Brazil e os Brasileiros. São Paulo, Nacional, 1984.
- LAMBTON, Lucinda. Temples of convenience. London, Gordon Fraser, 1974.
- LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brazil (1808-1818), São Paulo, Martins, s/d (1942).
- LUIZ Edmundo. A Corte de D. João no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Conquista (1), 1957.
- . O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. Rio de Janeiro; Imprensa Nacional, 1932.
- MARK PEERLESS. Folheto sobre banheiras. São Paulo, s/d.
- MAWE, John. Viagens ao Interior do Brazil Principalmente aos Distritos do Ouro e dos Diamantes, Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1944.
- MELLO FRANCO, Afonso Arinos de. O Palacete no Caminho Novo. Rio de Janeiro, UEG, 1955.
- MELHORAMENTOS da Cidade Projetadas pelo Prefeito do Distrito Federal Dr. Francisco Pereira Passos. Rio de Janeiro, Typographia da Gazeta de

- Notícias, 1903.
- MONDAY, John. Heads and Tails: necessary seating in: Ingrid and others studies: maritime monographs and reports. Greenwich, Pew Annis, (36), 1976.
- NÉGRIER, Paul. Les Bains A Travers Les Ages. Paris, Librairie de la Construction Moderne, 1925.
- NORONHA Santos, Francisco Agenor de. Fonte de chafarizes do Rio de Janeiro in: Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Rio de Janeiro, (12) 1946.
- Jardim do Valongo. Rua Camerino. Rio de Janeiro. Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Proc. Tombamento 4141, 1946.
- PINGUIM Dictionary of Decorative Arts. London. John Fleming and Hugh Honner, 1977.
- REIS, José de Souza. Arcos da Carioca, in: Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro (12), 1955.
- SÁ, Roberta arruda de Miranda e Azevedo, Marlene Bigaglia. Turismo para portadores de deficiência física. normas para a facilidade de acesso e locomoção. Rio de Janeiro, Ministério da Indústria e Comércio/Empresa Brasileira de Turismo, s/d.
- SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1974.
- SILVA Nigra, C. M. Construtores e Artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Salvador. Beneditina, (1), 1950.
- SILVA, Rosauro Mariano de. A Luta pela Água in: Silva, Fernando Nascimento, dir. Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade. Rio de Janeiro - São Paulo, Governo do Estado da Guanabara, Record, 1965.
- SZILARD, A. Aparelhos Sanitários in: Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, I. A. B., julho/agosto, 1937.

GLOSSÁRIO

1. Banheiro: aposento com todo o aparelhamento de banho; aposento com sanitário; sanitários; WC; water closet.
2. Higiene: palavra de origem grega (hygieinos) significando saúde. Parte da Medicina que ensina a conservar a saúde. Limpeza, asseio. Cf. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 15. Imp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.
3. Excreção: ação pela qual se expõem do corpo os resíduos inúteis à economia animal. Opus cit.
4. Banho: líquido ou local onde se tomam banhos para fins higiênicos, terapêuticos ou lúdicos.
5. Escalfador: vaso onde se conserva água quente para serviço de mesa.
6. Grés: arenito.
7. Bacia: vaso redondo de bordas largas, geralmente de louça, metal puro ou estanhado, plástico, etc., próprio para lavagens.
8. Arame: liga de zinco e cobre; metal amarelo; latão.
9. Tina: vasilha para lavagem de roupas, transporte de água ou em que se toma banho.
10. Cuia: recipiente feito do fruto seco e sem miolo da cueira; cabaça.
11. Cabaça: recipiente feito do fruto seco e sem miolo da cabaceira; cuia.
12. Toalete: ato de se lavar, pentear e vestir; compartimento com lavatório e espelho, para as senhoras recompor o penteado, a pintura, etc., e que geralmente tem anexo um gabinete sanitário; banheiro; móvel com espelho, bacia e jarro para lavar o rosto e as mãos; toucador. Opus cit.
13. Privada: (privy), palavra inglesa dos primórdios da Idade Média, que vem do latim "privatus", significando a parte, retirado, secreto, não conhecido publicamente. Lucinda Lambton Temples of Convenience, Gordon Fraser, 1974.
14. Dejetos: excrementos; fezes e urina.
15. Fossa: cavidade subterrânea para o despejo das imundícies.
16. Fossa Séptica: aparelho sanitário no qual o trabalho dos microorganismos transformam por fermentação a matéria orgânica em substâncias minerais.
17. Urinol: vaso apropriado para nele se urinar e defecar; bacio, bacia; louça; vaso; penico; bispote; capitão; cabungo; banco; mátula; vaso de noite.
18. Retrete: cadeira sanitária; latrina.
19. Water closet: latrina com descarga de água; banheiro; WC.
20. Sifão: tubo de curvatura dupla em cujo interior fica certa porção de água e que se adapta a pias, esgotos, latrinas, etc, para impedir a exalação de mau cheiro. Opus cit.

21. Vaso de "côcoras": vaso turco; "boi".
22. Enxovia: prisões colocadas no andar térreo, com acesso por alçapões abertos no piso do sobrado. Em seu interior encontram-se, às vezes, fogões e comuás.

23. Mijadouro: lugar próprio para nele se urinar; mijadouro; mictório; sumidouro; latrina; recinto ou dependência da casa, com vaso ou escavação no solo para dejeções; urinol; banheiro; privada; sentina; cloaca; reservado; retrete ou retreta; casa-comum; comua; banco; cagatório; casinha; secreta.

24. Metalinguagem: linguagem utilizada para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação (Opus cit.)

Agradecimentos: à FNPM/Museus Castro Maya, cuja direção propiciou os meios para a efetivação das pesquisas; às instituições federais, estaduais, municipais e militares; às firmas e aos particulares citados:

Museu Casa de Benjamin Constant, Rio de Janeiro/RJ
Museu da Casa Brasileira, São Paulo/SP
Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro/RJ
Museu Casa da Hera, Vassouras/RJ
Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro/RJ
Museu do Colono, Santa Leopoldina/ES
Museu do Diamante, Diamantina/MG
Museu do Açude, Rio de Janeiro/RJ
Museu Histórico da Cidade, Rio de Janeiro/RJ
Museu Dom Diogo de Souza, Bagé/RS
Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro/RJ
Museu Imperial, Petrópolis/RJ
Museu da Inconfidência, Ouro Preto/MG
Museu Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ
Museu do Sertão, Petrolina/PE
Museu Solar Monjardim, Vitória/ES
Museu do Trem, Rio de Janeiro/RJ
Museu Naval e Oceanográfico, Rio de Janeiro/RJ
Companhia Metalúrgica Barbará, Rio de Janeiro/RJ
Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ
Fundação Joaquim Nabuco de Estudos Sociais, Recife/PE
Instituto Penal Talavera Bruce, Rio de Janeiro/RJ
Prefeitura - Parques e Jardins, Rio de Janeiro/RJ
República Pulgatório, Ouro Preto/MG
Ana Arcanjo Bernardo Baraçal, Santos/SP
Anaildo Bernardo Baraçal, Rio de Janeiro/RJ
Armando Izidoro de Carvalho, Rio de Janeiro/RJ
Ádua Nesi, Rio de Janeiro/RJ
Cláudia Fontes Aranha, Rio de Janeiro/RJ
Hugo Leal, Rio de Janeiro/RJ
Humberto Leal, Rio de Janeiro/RJ
Humberto Napoli, Rio de Janeiro/RJ
Maria do Carmo Nabuco, Rio de Janeiro/RJ
Maria Luíza Querine e Paula Valéria de Oliveira
Maria Emília de Souza Mattos, Rio de Janeiro/RJ
Maria Helena de Melo Tavares, Rio de Janeiro/RJ
Marina Mello de Oliveira, Rio de Janeiro/RJ
Milton Mendonça, Rio de Janeiro/RJ
Mark Peerless, São Paulo/SP
Norma Alvarenga Lamego, Sabará/MG
Therezinha de Castro Cortes, Rio de Janeiro/RJ
Zoraide Escovino de Alegrete, Rio de Janeiro/RJ

Aos amigos e colegas de trabalho pelo apoio à pesquisa e incentivo pessoal.